

PERFIL

Pupo desvenda a história da cidade

MARIA TERESA COSTA

Há pelo menos 70 anos o historiador Celso Maria de Mello Pupo é um incansável descobridor de Campinas. Onde quer que exista um documento que possa oferecer novas informações, lá estará ele remexendo no passado e buscando novos enfoques para uma história que, pode parecer, está mais do que contada. Mas não é bem assim. Com a experiência dos 92 anos de idade — que ele completa amanhã — Mello Pupo tem uma certeza: "A gente nunca pode dizer que escreveu uma história completa porque há aspectos que sempre podem ser explorados". Ontem o historiador recebeu mais uma homenagem entre as muitas que fazem parte de sua própria história. Só que esta foi especial porque veio de uma instituição que ajudou a fundar há 35 anos — o Museu Histórico e Pedagógico Dr. Campos Sales — e também porque aconteceu junto às comemorações dos 150 anos de Manoel Campos Sales, o campineiro que chegou a presidente da República.

Nas pesquisas sobre a fundação de Campinas, Celso Maria de Mello Pupo encontrou documentos que provaram que o fundador da cidade, Francisco Barreto Leme não veio para cá em 1739 como por muito tempo se pensou, mas sim em 1741. "A data estava fixada em 1739 porque um historiador competente, Benedito Otávio Ribeiro, chegou a admitir em seus escritos que a data poderia ser aquela. Mas ele nunca afirmou isso em momento algum", diz. Mello Pupo chegou à nova data consultando documentos em Taubaté, cidade onde Barreto Leme nasceu e viveu por muito tempo. "Em documentos até dezembro de 1740, o censo de Taubaté consta sua presença. Ele aparece como sitiante, batizando filhos" comenta.

Esta peregrinação por documentos sempre foi uma constante na vida do historiador, que não é campineiro, mas que conhece a história de Campinas como ninguém. Seu maior gosto hoje é poder ajudar jovens historiadores a desenvolverem suas teses tanto na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), como na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Puccamp). "Celso Pupo é o pai de todos nós", costuma afirmar o diretor do Centro de Memória da Unicamp, José Roberto Amaral Lapa.



Celso de Mello Pupo, na biblioteca de sua casa, em Campinas: peregrinações pela história da cidade

Biblioteca desperta amor por pesquisa

Descendente dos Teixeira Nogueira pelo lado da avó paterna, família que se instalou em Campinas em 1774 introduzindo a indústria açucareira na cidade, o historiador Celso Maria de Mello Pupo, aos 92 anos de idade, acredita que fez tudo que pôde para contribuir com a história de Campinas. Quando fala, constantemente enche os olhos de lágrimas. Se emociona ao lembrar que, aos 14 anos, quando se preparava para seguir o caminho do irmão mais velho que estudava engenharia na Politécnica de Zurique, na Suíça, começou a Primeira Guerra Mundial. "Minha viagem estava marcada para setembro de 1914. Eu tinha vindo a Campinas para me despedir de minha tia-avó (nessa época morava em São Vicente, onde nasceu em 5 de agosto de 1899). A guerra estourou e eu nunca mais saí daqui", relembra.

Matriculou-se num colégio particular, o Ginásio Campineiro, extinto, cujos professores eram do

Culto à Ciência. Já estava com o curso preparatório avançado quando o pai teve dificuldades na administração de uma fazenda perto de Jaú. "Eu tinha conhecimento de contabilidade e me ofereci para ajudar, mas com uma condição: ia para a fazenda se ficasse noivo", conta. O pai concordou, mas o sogro achou que o casal ainda era criança e propôs que fossem amigos. Isso acertado, Mello Pupo foi para a fazenda e ficou lá por dez meses. Na volta, esperou a namorada Ana Eliza se formar e casaram-se. O historiador foi casado com ela por 67 anos e teve cinco filhos. "Fui o marido mais feliz do mundo, com uma vida que era só de carinho. Nunca tivemos a menor desinteligência", relembra com saudade, ao falar da esposa já falecida.

Seu gosto pela História começou a ser despertado quando foi dirigir em 1924, a Sociedade Rural Brasileira, em São Paulo. A entidade mantinha correspondên-

cia com países estrangeiros, tinha uma boa biblioteca, recebia revistas do mundo todo e Mello Pupo se interessou particularmente por dois assuntos: história e economia. Vendo tantos livros, entusiasmou-se para começar sua própria biblioteca, comprando livros, alguns importados, que até hoje constituem sua biblioteca onde existem perto de dois mil volumes, além de uma infinidade de pastas com recortes de jornais, cartas e todo tipo de papel que considera ter valor histórico.

Ele tem em sua biblioteca dentro de casa e em uma "sucursal" no quintal, quatro pastas com recortes de pintores e escultores que passaram por Campinas. Tem ainda arquivos menores, com fichários de escrituras de fazendas (onde se encontra indicação do cartório de registro, quem comprou e quem vendeu). "Ou descubra alguém que queira ficar com isso ou ponho fogo em tudo", ameaça.

Vida de maestro, o terceiro livro

O primeiro livro do historiador Celso Maria de Mello Pupo *Campinas: seu Berço e Juventude* fugiu completamente de sua intenção inicial. Ele queria mesmo era contar a história de sua família.

"Quando voltei para Campinas para trabalhar como diretor da Recebedoria de Rendas do Estado, quis escrever um livro sobre a família Teixeira Nogueira, da minha avó paterna. Fiz um fichário completo desde a fundação da cidade. Mas como a genealogia (história das famílias) é um assunto árido, que pouca gente gosta, quis fazer nesse livro uma introdução, estudando o ambiente onde a família se desenvolveu", afirma.

Com isso se empolgou com a história da cidade, com as pesquisas sobre seu tio-trisavô Frei Antonio de Pádua Teixeira, primeiro vigário de Campinas, e acabou escrevendo um livro não sobre a família, mas sobre a cidade, contando a história até o final do século passado.

Seu segundo livro é *A Vida Rural do Primitivo Município de Campinas*. Agora, afirma, está surgindo a oportunidade de publicar um terceiro livro, escrito há dez anos. *Vida e Obra do Maestro Elias Alves* está despertando o interesse da prefeitura de Itu,

segundo o historiador, porque o maestro era daquela cidade.

Hoje Mello Pupo diz que já não planeja pesquisar como antes — "Os 92 anos já não me permitem a mesma euforia, afirma — mas sempre que pode gosta de estar procurando novidades. E também ajudar a salvar documentação de valor histórico, como exemplares de jornais que compreendem um período de mais de um século, entre 1871 e 1977, que ele doou de sua biblioteca particular ao Centro de Memória da Unicamp.

O historiador conserva um hábito que vai manter, garante, enquanto a lucidez permitir: ir a São Paulo toda quarta-feira para participar de reuniões das instituições a que pertence. Ele, por exemplo, é membro da Academia Campinense de Letras, do Centro de Ciências Letras e Artes, Academia Paulista de História, Instituto Histórico e Geográfico, Instituto Genealógico Brasileiro, foi fundador do primeiro Instituto Genealógico da América Latina, é presidente emérito e fundador da Federação das Santas Casas de Misericórdia, dirige o Museu de Arte Sacra de Campinas, é correspondente do Museu Imperial de Petrópolis, do Instituto Histórico de Santos e Instituto Histórico de Santa Catarina.

AGENDA DO EMPRESÁRIO

agosto de 1991

Nº 462

ELETRODOMÉSTICOS — REGIME A SER ADOTADO

UNIDADES PRODUTORAS E DE COMÉRCIO

7/91, ficaram sujeitos ao regime de preços monitorados pelas unidades produtoras, os seguintes produtos:

Eletrodomésticos (modelo "standard" de até 3.200 watts);

Máquinas de passar a seco;

Fios de cobre para construção civil, bitolas 1,5 mm e

Modelo "standard" de uso doméstico, com as seguintes características: 4 bocas, sem acessórios, porta do forno em chapa e mesa esmaltada);

3 velocidades;

Uso doméstico;

Capacidade até 280 litros de uso doméstico;

5 e 20 polegadas sem controle remoto.

Os produtos mencionados deverão apresentar-se em

(o que se repetirá a cada 30 dias) em

probatórias da prática desses produtos. Ver

Anexo e Preços — DAP.

Os produtos ao regime de preços liberados das unidades de comércio (ata-

dos) e eletrodomésticos, eletrônicos, não discrimina-

dos, peças e acessórios, serão vendidos a preços liberados e pelas uni-

dades de comércio (ata-

dos) e

/06/91) e

ado à

rio